

ção de Pernambuco, em 1654, feliz desenlace de trinta anos de lutas, a que o autor, aliás, assistira, como almirante da esquadra portuguesa; mas o seu livro, impresso em 1675, não vai além da primeira década. Trabalhada sobre as *Memórias Diárias* de Duarte de Albuquerque, 1.º conde e 3.º donatário de Pernambuco—como provou Francisco Adolfo de Varnhagen, visconde de Pôrto Seguro, na *História das lutas com os holandeses no Brasil*—o que de novo introduziu Brito Freire na sua obra foram mais excursos retóricos do que verdades históricas.

D. FERNANDO DE MENESES, 2.º CONDE DA ERICEIRA (1614-1699).—Escreveu: em português, *Vida e acções de ElRei D. João I* (1677) e a *História de Tânger* (1732), cidade de que foi o penúltimo governador, antes da sua cedência à Inglaterra pelo tratado de 23 de Junho de 1661; e em latim, a crónica dos dezassete anos posteriores à restauração de Portugal, *Historiarum Lusitanorum ab anno M.DC.XL usque ad M.DC.LVII*, provavelmente escrita nessa língua para mais fácil divulgação, no estrangeiro, dos sucessos que prepararam e seguiram a nossa independência. Publicada, porém, em 1734 (2 vols.), perdera toda a oportunidade; e até o próprio valor intrínseco, depois do aparecimento da *História de Portugal restaurado*, de seu sobrinho e sucessor. Das obras em português, só merece

atenção a *História de Tânger*, pelas copiosas notícias que reúne.

FR. ANTÓNIO DA ENCARNAÇÃO (?—1665).—Natural de Évora, ali professou no convento de S. Domingos. Esteve muitos anos na Índia e na Arménia, onde exerceu o cargo de Provincial. Voltando ao reino, foi deputado da Inquirição em Évora e Lisboa, e depois prior do convento de Benfica. Além da *Vida de Fr. Luís de Sousa*, a que já nos referimos, escreveu umas *Adições à Historia de S. Domingos*, publicadas na *Segunda parte* da mesma *Historia*. O seu maior merecimento é o de ter, indirectamente, inspirado o *Frei Luís de Sousa*, de Garrett.

ÁLVARO PIRES DE TÁVORA (?—1640).—A sua *Historia de varões illustres do apelido Tavora* é proveitosa, pelas notícias que reúne, desde o tempo de D. João III, recolhidas «das memórias originaes de seus passados». A parte mais interessante diz respeito a Lourenço Pires de Távora, que tão numerosas missões desempenhou nos reinados de D. João III e D. Sebastião; mas nem tudo se pode aceitar a olhos fechados, pois Lourenço Pires adornava ou exagerava algumas vezes aquilo em que tomava parte. A obra foi publicada em Paris, no ano de 1648, por Rui Lourenço de Távora, filho de Álvaro Pires de Távora.

Por isso, alguns escritores o têm, erroneamente, apontado como autor.

## A PROSA

### A ORATÓRIA SAGRADA

#### Padre António Vieira—Traços de sua vida—Obras—Escritos apócrifos—“Arte de furtar”

BIBLIOGRAFIA:—SERMÕES AVULSOS: *Sermam... na Capella Real o primeiro de Janeiro de 642*. S. l. n. d.; s. d. (1642), 1642, 1645, 1651 (?), 1658, 1671; *Sermão... na Igreja das Chagas* ..... S.º Antonio, aos 14 de Setembro... 1642. S. l. n. d., 1642, 1645, 1645, 1658, 1672; *Sermam... na casa professa... 16 Agosto, 1642. ...S. Roque*. 1642, 1642, 1645, 1654, 1658, 1659, s. l. n. d.; *Sermam de S. Ioam Baptista... Em Alcantara*. S. l. n. d., 1644, 1652, 1658, 1658, 1659; *Sermam... S. Joseph... na Capella Real*. 1644, s. d., 1644, 1658, 1658, 1659, 1673; *Sermam... na Misericórdia da Bahia... Visitação de N. Senhora*. S. l. n. d. (1646), 1646, 1655, 1655, 1655, 1658; *Oração funebre... S. Francisco de Enxobregas no anno de 1649... exequias de... D. Maria de Ataíde*. 1650, 1658, 1658, 1659; *Sermão gratulatorio e panegirico... dia de Reys...* na Capella Real em acção de graças pelo felice nascimento da princeza primogenita no anno de 1669; *Sermam das chagas de S. Francisco... Trad. do italiano por Ioam de Mesquita Arroyo*. 1663; *Sermam historico, e panegirico ... nos annos da Serenissima Rainha N. S. 1668*; *Sermão... no collegio da Bahia... santissimo sacramento e á memoria d'el-rei D. Sebastião*. S. l. n. d.; *Sermam nas exequias da Rainha Nossa Senhora D. Maria Francisca Isabel de Saboya...* 1685; *Sermam das Obras de Misericórdia... na Igreja do Hospital Real*. 1753; *Sermam... ao enterro dos ossos dos enforcados... Misericórdia da Bahia*, 1753; *Sermão do B. Stanislaõ Koska...* em Roma, 1672.

COLEÇÕES DE SERMÕES: *Sermoens...* 1.ª parte. Lx.ª Of. de Ioam da Costa, 1679. Da 2.ª à 8.ª a tipografia foi a Oficina de Miguel Deslandes. A 2.ª parte safu em 1682; a 3.ª, em 1683; a 4.ª, em 1635; a 5.ª, em 1689; a 6.ª, em 1690; a 7.ª, em 1692. A 8.ª parte, chamada *Xavier dormindo e Xavier acordado*, safu em 1694. Consideram-se 9.ª e 10.ª partes dos Sermões os vols. *Maria Rosa Mystica, excellencias, poderes e maravilhas do seu Rosario, compendiadas em trinta Sermões*, saídos em 1686 e 1687; 11.ª parte, Lisboa, por Miguel Deslandes, 1696 (no fim um *Sermam do felicissimo nascimento da Serenissima*

*Infanta Teresa Francisca Iosepha*); 12.ª parte. Lisboa, id., 1699; Considera-se 13.ª parte a *Palavra de Deos empenhada, e desempenhada*. Lisboa, id., 1690; Parte 14.ª, *Sermões e varios discursos*. Lisboa, por Valentim da Costa Deslandes, 1710 (no fim deste volume o índice de todos os sermões que se acham nos 14 volumes anteriores). Costumam completar a coleção os volumes: *Vozes saudosas, Da Eloquencia, Do Espirito, Do zelo...* (Publicadas pelo P.º André de Barros). Lisboa, 1736; *Sermões Varios, E Tratados, Ainda não impressos, Do Grande...* (Dos Sermões o tomo XV. E das Vozes Saudosas, o II). Lisboa, 1748; *Voz Sagrada, Politica Rhetorica, e Metrica Ou Supplemento ás Vozes Saudosas Da eloquencia, do espirito, do zelo, e eminente sabedoria Do Padre Antonio Vieira...* Lisboa, 1748; *Collecção dos principaes sermoens, que prégou o P....* Lisboa, 1754.

Isto constitui a coleção completa dos Sermões do Padre António Vieira, ou sejam 18 volumes. Do vol. da 2.ª parte há uma contrafacção ou variante; da *Maria Rosa Mystica*, duas edições do mesmo ano, uma por João da Costa e outra por Miguel Deslandes; da *Palavra de Deus*, 3 edições. As *Obras completas do Padre Antonio Vieira* foram todas impressas em Lisboa, 1854-58 (Seabra & T. Q. Antunes), em 27 volumes, que são: 15 de *Sermões*, 4 de *Cartas*, 3 de *Obras inéditas*, 2 de *Obras varias*, 1 da *Arte de Furtar*, 1 da *História do Futuro* e 1 da *Vida de Vieira pelo P.º André de Barros*. Edição completa dos *Sermões* é também a da livraria Chardron. Pôrto, 1907, 1908, 15 vols. Dos Sermões há mais, escolhidos e pub. em volume, as seguintes edições: *Sermões Selectos...* Lisboa, tip. Rollandiana, 1852-53, 6 vols.; *Sermões...* Lisboa, tip. Universal, 1873, 1 vol. (19 Sermões); *O Chrysostomo Portuguez ou o Padre Vieira... n'um ensaio de eloquencia compilado dos seus sermões... pelo padre Antonio Honorati*. 1878 a 1890. 5 vols. (Uma das melhores compilações de Vieira); *Sermões...* Lisboa, tip. Adolfo, Modesto & C.ª, 1889; *O Livro de Ouro do P.º A. Vieira* (Recompilação, com biografia e notas), 1697-1897. Pôrto, 1897;



*Trechos selectos do...* Publicação comemorativa do bi-centenário da sua morte. Lisboa, 1897; *Sermões...* Ed. comemorativa do bicentenário da sua morte. Lisboa, 1898-99, 3 vols.; *Sermões inéditos*. s. l. (Lisboa) n. d.; *Vieira abreviado em cem discursos moraes e políticos, divididos em dous tomos*. Autor Anselmo Caetano Munhoz de Avreu Gusmam e Castello Branco. Lisboa, 1746, 2 vols.

*As cinco pedras da funda de David* foram sermões prègados em Roma à Rainha da Suécia, Cristina Alexandra. Foram insertos no vol. XIV dos Sermões, 1710. Diz o vol. XXII de Inocência que o tradutor foi Francisco Xavier de Menezes, conde da Ericeira. O padre António Honorati no *Chrisostomo portuguez* diz que a tradução é de Francisco Barreto. Em 1754 publicou-se em Lisboa *Cinco discursos moraes, fundados nas cinco pedras de David*; Em 1676, em Madrid, saíu *Las cinco piedras de la honda de David* e mais duas edições, do mesmo ano e impressor. Em 1678 saíu uma edição de Lisboa por António Gonçalves, e em 1695 outra por Miguel Deslandes. Em Roma, em 1676, também saíram *Le cinque pietre della fionda di David*.

*Problema que o sempre memoravel P. A. Vieira... recitou em huma Academia em Roma, em que foy generoso assumpto: Se o mundo he mais digno de rizo, ou de pranto; e assim quem acertava melhor, Democrito, que ria sempre, ou Heraclito, que sempre chorava*. Lisboa s. d. 16 pág. (Vem no vol. XIV dos Sermões). Foi traduzido em espanhol *Lagrimas de Heraclito defendidas*, Valência, 1700; *Heraclito defendido...* Mércia, 1683.

*Historia do futuro*. Lisboa, 1718; outra edição, 1755; Baía, 1838; Lisboa, 1855.

*Cartas*. Lisboa Occidental, na Congregação do Oratorio e Regia Officina Silviana. Lisboa, 1735-1746-1827. 4 vols; *Cartas selectas...* Precedidas da sua vida, e seguidas de um índice analítico dos assuntos e matérias... Ordenadas e correctas por J. I. Roquette. Paris, 1838; *Cartas...* ed. illust. Lisboa s. d. (1885), 2 vols; *Cartas...* Revistas por Tito de Noronha. Pôrto, 1871; *As primeiras vinte e cinco cartas...* Texto para exercícius de composição latina conforme o programa do govêrno últimamente publicado. Lisboa, 1871; João Lúcio de Azevedo

— *Subsídios para uma edição comentada das Cartas de António Vieira*. Coimbra, 1915; *Dezanove cartas inéditas do Padre António Vieira, publicadas por J. Lúcio de Azevedo*. Coimbra, 1916; *As cartas do Padre António Vieira oferecidas ao Arquivo da Torre do Tombo, por Pedro A. de Azevedo*. Coimbra, 1906; *Arte de Furtar, Espelho de Enganos, Theatro de Verdades, Mostrador de horas mingüadas, Gazeta geral Dos Reynos de Portugal*. Amsterdam. Na Oficina Elvizeriana, (sic) 1652; outra edição, Amsterdam. Na of. de Martinho Schagen, 1744; id., 1745; Londres, 1820; Lisboa, 1820; Londres, 1821; Lisboa, 1829; Lisboa, 1854; Lisboa, 1855; Rio de Janeiro, 1907.

Além das obras indicadas, Vieira escreveu *Cópia de huma carta para ElRey N. Senhor Sobre as missões do Seará, do Maraham, do Pará y do grande rio das Almanzonas*. Lisboa, 1660 (vem no vol. XIV dos Sermões); *Rethorica sagrada ou arte de prègar...* 1745; *Ecco das vozes saudosas formado em huma Carta apologetica...* Lisboa, 1757; *Discurso catholico sentencioso...* Lisboa, 1747; *Informação dada por ordem do Conselho Ultramarino sobre as cousas do Maranhão ao mesmo conselheiro*.

Lisboa, 1678; *Papel politico...* Lisboa, 1838. Muitas das obras de Vieira estão traduzidas em espanhol, francês, italiano e latim.

Sobre Vieira consulte-se: *Diccionario bibliographico*, vols. I e XXII; Martinho da Fonseca — *Addittamentos ao Dicc.º bibliographico ou Boletim da Sociedade de Bibliophilos Barbosa Machado*, vol. 3.º; P.º André de Barros — *Vida do Apostolico Padre Antonio Vieira*. Lisboa, 1746; 2.ª ed., 1857; Madre Soror Margarida Ignacia — *Apologia a favor do R. P. Antonio Vieyra...* Lisboa, 1727 (Luiz Gonçalves Pinheiro, o autor); D. Manuel Caetano de Sousa — *Oração funebre...* Lisboa, 1730; D. Francisco Alexandre Lobo — *Discurso historico e critico acerca do P. Ant. Vieira e de suas obras*. Coimbra, 1823; Joaquim de Araújo — *No centenario do P.º A. Vieira*. 1697-1897. Génova, 1897; Bib. Nac. Lx.ª — *Exposição Bibliographica no bi-centenario do Padre Antonio Vieira em 1897*. Lisboa, 1897; *Carta Apologetica em que se mostra que não he auctor do Livro intitulado Arte de Furtar o insigne P. Antonio Vieira da Companhia de Jesus, escripta por hum zeloso da illustre memoria deste Escriptor*. 25 pág.; Dr. Guilherme Studart — *A proposito do bi-centenario da morte do jesuita Antonio Vieira* — Fortaleza. 1897; Abbé E. Carel — *Vieira, sa vie et ses œuvres*. Paris, 1879.

De João Lúcio de Azevedo, veja-se: *Nota sobre as duas missões diplomáticas do Padre António Vieira à França e Holanda; Alguns escritos apócrifos, inéditos e menos conhecidos do Padre António Vieira*. Coimbra, 1915; *Os jesuítas e a Inquisição em conflito no século XVII*. Lisboa, 1916; na *Revista de História*, 1916, *Primeiro período da vida de António Vieira. O Religioso*; e, finalmente, a sua definitiva *História de António Vieira, com factos e documentos novos*. Pôrto, 1918-1920, 2 vols.



SOROR MARIANA, desenhada por Craig e gravada por Mackenzie em 1808. Da edição nessa data publicada em Londres

ENTRE as figuras de relêvo das nossas letras no século XVII nenhuma poderá sobrepôr-se à do Padre António Vieira. Frei Luís de Sousa, D. Francisco Manuel de Melo, o Padre Manuel Bernardes, foram, de certo, prosadores insignes; mas quem hoje lhes imitasse o estilo, arriscar-se-ia a ser tido por do tempo dêles em vez de contemporâneo nosso. Não assim

Vieira, em cuja vasta obra de maravilha se encontrará vocábulo ou torneio de frase com jeito de antiqüado. De todos os nossos escritores, Camões e êle foram os que mais se penetraram do génio, da língua, os que souberam vazar-lhe o substracto nos moldes mais duráveis.

Nasceu o notável polígrafo em Lisboa, na rua dos Cónegos, perto da Sé, a 6 de Fevereiro de 1608. Seu pai, Cristóvão Vieira Ravasco, que exercia um cargo subalterno de justiça, foi no ano seguinte nomeado escrivão da Relação do Brasil, então instituída, e partiu para a Baía, deixando no reino a família, que veio depois buscar. A mãe, Maria de Azevedo, era filha de um armeiro da Casa Real, e trouxera em dote ao marido a promessa régia de um emprêgo de justiça ou fazenda, facto vulgar na época; a qual dádiva, cumprida, motivara a transferência para o Brasil. Do lado paterno, Vieira tinha nas veias sangue africano. A avó, mulata, era servçal em casa dos Condes de Unhão, onde o avô também servia;



criado, como se dizia, da família; meio fâmullo, meio dependente e protegido. Os desafectos a Vieira quiseram imputar-lhe ascendência de cristãos novos, mas do inquérito a que mandou proceder o Santo Offício, não resultou a prova.

Tinha Vieira seis anos quando foi com os pais para o Brasil. Aos quinze entrou como noviço no colégio da Companhia de Jesus na Baía, onde já era aluno externo, distinto por dotes intellectuais e pela applicação. Conta-se que nos primeiros tempos de estudante tôda a sua diligência não vencia as dificuldades: tardava no compreender, decorava com esforço, não satisfazia nas lições. Desde menino muito religioso, orava a certa imagem da Senhora das Maravilhas suplicando-lhe socôrro. Um dia, estando em prece, sentiu como que um estalo no interior do crânio. A Virgem deferira-lhe as súplicas. Daí por diante seus progressos surpreenderam e encantaram os mestres. Nos sérios estudos, por que na Ordem dos Jesuítas se conquistam os grâus, foi distinto. Tanto se impondo ao apreço que, saído apenas do noviçado, aos dezoito anos, lhe confiaram a carta ânua, em que é costume relatar ao Geral, de tôdas as partes do glôbo, as ocorrências de cada província da Companhia. O período fôra de sucessos memoráveis. Em 1624, os holandeses, às ordens do almirante Jacob Willekens, tinham desembarcado na Baía, e permanecido em posse da cidade por mais de um ano. Os habitantes, que puderam fazê-lo a tempo, abandonaram suas casas, refugiando-se no interior. Dêsse número os Jesuítas, que se acolheram a uma aldeia de índios, nos arredores, a cargo dêles para a catequese e administração. Os episódios da fuga dos moradores, da occupação pelo inimigo, do cerco pelos portuguezes e da final vitória dêstes são descritos na carta com mão de mestre, e já um escritor consumado se nos denuncia. Seja exemplo o seguinte trecho, que descreve a chegada dos holandeses:

Com a luz do dia appareceu a armada inimiga, que repartida em esquadras vinha entrando. Tocavam-se em tôdas as náus trombetas bastardas a som de guerra, que com o vermelho dos pavезes vinham ao longe publicando sangue. Divisavam-se as bandeiras holandesas, flâmulas e estandartes, que, ondeando das antenas e mastarêus mais altos, desciam até varrer o mar com tanta majestade e graça que, a quem se não temera, podiam fazer uma alegre e formosa vista. Nesta ordem se vieram chegando muito a seu salvo, sem lho impedirem os fortes, porque, como o pôrto é tão largo, tinham lugar para se livrar dos tiros.

Tanto que emparelhou com a cidade a Almiranta, a salvou sem bala, e despediu um batel com bandeira de paz. Mas à salva, e à embaixada antes de a ouvirem, responderam os nos-

sos com pelourds, o que vendo os inimigos se puseram todos a ponto de guerra...

E foi tal a tempestade de fôgo e ferro, tal o estrondo e confusão, que a muitos, principalmente aos poucos experimentados, causou perturbação e espanto; porque, por uma parte, os muitos relâmpagos fusilando feriam os olhos, e com a núvem espessa do fumo não havia quem se visse; por outra, o contínuo trovão da artilharia tolhia o uso das línguas e orelhas, e tudo junto, de mistura com as trombetas e mais instrumentos bélicos, era terror a muitos e confusão a todos (1).»

O escrito, traçado é provável que primeiramente em vernáculo, foi mandado para Roma em dois textos, latino e portuguez, de que os exemplares, ambos autógrafos e com assinatura, se encontram nos arquivos da Sociedade.

Da Baía passou Vieira a Pernambuco, a leccionar retórica no colégio de Olinda—o

exercício do magistério por certo tempo é obrigação indeclinável dos que na Ordem postulam acesso ao sacerdotício—regressando para continuar os próprios estudos no fim do período. Em 1635, concluída a preparação teológica, foi ordenado presbítero. Ignora-se a data em que começou a prêgar, mas é certo que já em noviço se ensaiava no púlpito. Um sermão dessa época foi recolhido, e acha-se impresso no volume de suas obras intitulado *Voz sagrada*. Depois dêsse, o primeiro que conhecemos é da quaresma de 1633. Em 1638 devia ser orador já notado na capital do Brasil, pois foi êle o escolhido para prêgar na solenidade em celebração da vitória sobre os holandeses, os quais nesse ano acometeram novamente a Baía, sem todavia conseguirem mais que pôr-lhe por mar e por terra um cerco inefficaz.

Em 1641, outra vez a guerra lhe deu ensejo de se evidenciar como orador sagrado. O almirante Lichthardt, após devastar o chamado Recôncavo da Baía, ameaçava a cidade. Em todos os templos se faziam preces pelo triunfo das armas católicas contra o calvinista inimigo. O discurso que Vieira pronunciou então é de certo uma extraordinária peça oratória, que atinge por vezes os mais altos cumes da eloquência, e onde soam as mais vibrantes notas do sentimento religioso e do patriotismo. Adiante se lhe fará maior referência.

Seus triunfos de orador sagrado davam na capital do Estado a Vieira uma situação de realce, cujo brilho reflectia na comunidade jesuítica; e seria por isso que êle e o Padre Simão de Vasconcelos foram as pessoas designadas para acompanharem ao reino o emissário, portador da adesão do Estado do Brasil à Restauração. A êsse

(1) Este trecho e outros adiante não se transcrevem na orthografia dos impressos, de onde são extraídos, porque não é a do autor, e sim dos editores ou a usual na officina.

**LETTERE  
AMOROSE  
PORTVGHESI**  
*Frà vna Dama di Portogallo, & vno  
Cauallero di Francia.*  
*Trasportate dal Portoghese in Francese,  
E dal Francese in Italiano.*  
**PER NARBONTE PORDONI.**

---

DEDICATE  
*All' Illustriss. & Excellentiss. Sign.  
Sig. Patron Colendiss. il Sig.*  
**FEDERICO MARCELLO.**



**IN VENETIA, M.DC.LXXXII.**  
Appresso Pontio Bernardon,  
à l'Insegna del Tempo.  
*Con Licenza de Superiori, e Priuilegio.*

EDIÇÃO ITALIANA das Cartas de Soror Mariana. Veneza, 1682



efeito, o governador Marquês de Montalvão mandou à Europa seu filho, D. Fernando de Mascarenhas. De sentimento diverso estavam outros dois, que tinha, os quais se pronunciaram por Castela e saíram do reino. Proveio daí que, aportando a Peniche a embarcação com os mensageiros do Brasil, alvorotou-se a gente de terra, e só a muito custo lograram subtraí-los as autoridades ao furor popular. Desfeito o equívoco, puderam os viajantes dar conta da sua embaixada em Lisboa. Vieira viu então o monarca, de que fez o seu ídolo, e cuja amizade teve por glória da sua vida.

De igual modo que na Baía, a eloquência do jesuíta conquistou-lhe em Lisboa a geral admiração. Os sucessos políticos, de que estava dependente a existência nacional, acudiam agora, trazidos por êle, à tribuna sagrada. Estimulando o patriotismo, exaltando o soberano, incitando ao sacrifício dos bens e pessoas pela manutenção de uma pátria livre, Vieira foi auxiliar prestante da nova dinastia. Êstes serviços, a fama adquirida e o influxo da Companhia de Jesus, a qual não pouco havia contribuído para a revolução libertadora, abriram-lhe as portas do paço. Em breve a voz do prêgador, admirada no púlpito, era escutada com acatamento no conselho do monarca. Para a raíña, espírito varonil, cujo voto dominava as deliberações, os preceitos de Vieira eram de oráculo. O herdeiro da corôa, D. Teodósio, venerava-o como a preceptor. O colégio de Santo Antão, onde residia o Padre, era um prolongamento da côrte, do qual saíam arbítrios para os negócios do Estado. Por vezes, a devoção à família reinante inspirou-lhe alguns, que seria difícil pôr de harmonia com o estremo patriotismo, qual o entendemos agora: isto é, o amor da terra e da gente, e não só a dedicação pela pessoa do soberano. Muito provavelmente foi Vieira quem sugeriu a D. João IV o plano de ceder o govêrno ao Duque de Orléans, talhando para si um reino de parte do domínio colonial. Por morte do príncipe estrangeiro, que teria dado a filha em casamento a

D. Teodósio, revertia o trono a êste ou seus herdeiros. Projecto subtil e aéreo, em que os mesmos franceses não ousaram convir. O fim era alcançar que a França, intervindo a nosso favor de modo eficiente na guerra, obrigasse os castelhanos a desistirem da pretensão de nos subjugarem de novo. Como quer que fôsse, para tal partiu Vieira em Fevereiro de 1647 com destino à côrte francesa, onde a proposta sossobrou na indiferença do primeiro ministro Mazarino e da regente Ana de Áustria, surpresos ambos e não convencidos das razões apresentadas. De lá passou à Holanda, que já visitara no ano antecedente, assim como a capital francesa, também com encargos da régia confiança para os respectivos embaixadores.

Segundo negócio em que a fama do jesuíta saíu ferida, foi o da paz com as Províncias Unidas, deixando aos holandeses os territórios que ocupavam no Brasil desde 1630, e ainda com várias onerosas cláusulas; proposta de que o supuseram autor. Defendeu-se êle alegando que as condições, exigidas pela república, tinham sido admitidas no Conselho de Estado, que D. João IV as aprovava, e que a sua participação consistira somente em redigir, por ordem do monarca, um escrito em sustentação do propósito, que a pressão da opinião pública impediu se effectuasse. É o célebre *Papel forte*, como veio a ser denominado, pelo arrôjo da proposição e vigor dos argumentos, o qual, conservado em cópia nas colecções particulares, saíu impresso

em 1857 no tómo 3.º das *Obras Inéditas*.

Mais uma vez, em 1650, o Padre Vieira tomou a seu cargo uma suspeita missão política: nada menos que negociar em Roma o consórcio do príncipe D. Teodósio com a infanta, nesse tempo herdeira única de Filipe IV; modo pelo qual, segundo as suas instruções, se poderia regressar suavemente à união das duas corôas, portuguesa e de Espanha. Enquanto por esta maneira o emissário jesuíta fazia propostas de paz, ajudava de outro lado a fomentar a revolta em Nápoles, por entendimentos secre-

DESCRIÇÃO BIBLIOGRÁFICA  
DAS EDIÇÕES  
DAS  
**CARTAS DE AMOR**

DE  
SÓROR MARIANA ALCOFORADO  
DIRIGIDAS AO CAVALHEIRO DE CHAMILLY  
E DAS RESPOSTAS DO MESMO  
AS CARTAS  
DA CELEBRE FREIRA PORTUGUEZA, ETC.

SEPARATA  
DA  
BIBLIOGRAFIA DA LITERATURA CLÁSSICA LUSO-BRASÍLICA  
POR  
JOSÉ DOS SANTOS



1917  
LIVRARIA LUSITANA  
131, Calçada do Combro, 131  
LISBOA

O MAIS COMPLETO e minucioso trabalho bibliográfico sobre as *Cartas de Soror Mariana*, por José dos Santos



tos com os cabeças do levante contra os espanhóis. Descoberta a intriga, foi ameaçado de morte pelo embaixador castelhano, e obrigado a deixar Roma precipitadamente.

Ainda em 1652 se pensou nele para acompanhar a Inglaterra o embaixador Conde de Penaguião, mas já nesse tempo ele havia optado pela carreira de missionário, que com notável brilho foi exercer na América, chamando ao cristianismo multidões de selvagens e buscando-lhes defesa contra a tirania dos colonos no Pará-Maranhão.

Partindo em Novembro de 1652, parece que à última hora arrependido da resolução, mas afinal conformado, lidou com singular devotamento na obra da catequese, e

por quasi nove anos, com a interrupção de dez meses, passados no mar e em Lisboa, aonde veio em 1654, o teatro de suas acções foram as pequenas cidades de S. Luís e Belém, cabeças de capitania no Maranhão e Pará, e os vastos desertos da região amazônica.

Pôs-lhe fim a esta espécie de actividade um levante dos habitantes portugueses, que expulsou da colônia os jesuitas em 1661; dêles o mais aborrecido foi o Padre Vieira, por sua constância em opor-se à escravização dos indígenas, de que subsistia a agricultura local.

O regresso ao reino coincide com o período acceso da discórdia na cõrte, entre as facções que pretendiam, uma insistir investir no govêrno D. Afonso VI, ainda em tutela, a outra manter na regência a rainha D. Luísa, é possível que pensando desde logo em excluir do trono o soberano legítimo, como veio a suceder. Vieira aderiu sem demora, e com aquele ardor muito da sua índole, ao partido da rainha. Uma exortação, em forma de reprimenda, para que mudasse de costumes, lida ao jôvem rei perante a cõrte reunida, passa por obra sua. O golpe de Estado pelo qual D. Afonso assumiu a governação destrou-o para o Pôrto; daí para Coimbra; e não tardou a chamá-lo a contas o Santo Offício, desde muito à espera de sa-zão propícia para o perseguir. Facultou-lhe o pretexto

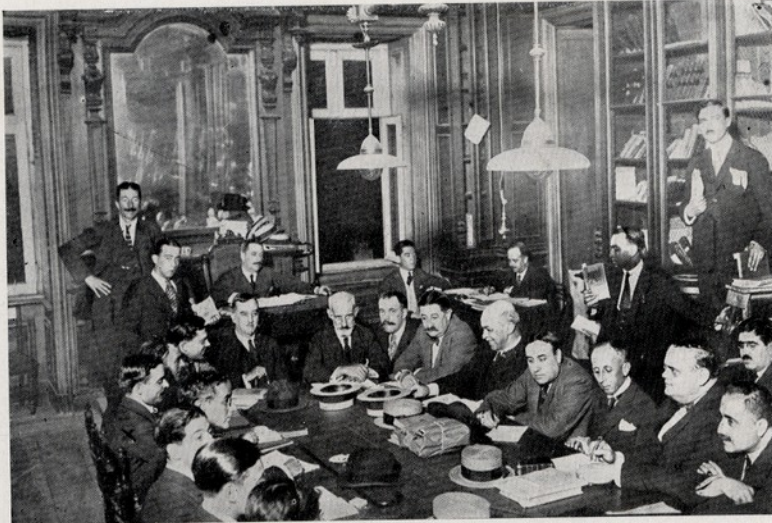
certo escrito, em que Vieira, fundado nas profecias do sapateiro Bandarra e outras, vaticinava a ressurreição de D. João IV, com proposições onde acharam os teólogos sabor de heresia. O processo arrastou-se longo espaço em preliminares, até que, no 1.º de Outubro de 1665, o acusa-

do recolheu as cárceres da Inquisição de Coimbra, de nada lhe valendo as altas protecções que invocou. De lá saíu a 23 de Dezembro de 1667, sentenciado às penas de reclusão em um mosteiro, privação de prègar, e outras de menos importância. Já porém nesse tempo vencera a facção de D. Pedro, que Vieira servira; seus amigos recuperaram a autoridade, e as penas houveram de ser-lhe relevadas. Ao novi-

ciado da Cotovia, residência do condenado de ontem, corriam as pessoas mais gradadas da cõrte. Em breve soaria a voz do prègador. No dia de Reis de 1669, Lisboa ouvia o seu orador preferido, que celebrava o nascimento da princesa Isabel, de malgrado fim, nascida do matrimónio do Regente D. Pedro com a consorte do irmão deposto. Já antes, no aniversário da rainha, a 22 de Junho do ano precedente, Vieira se propusera prègar na festa congratulatória na capela real. Por motivos ignorados a oração, que muito exaltava a rainha, não foi proferida; mas, posta em estampa, por diligência do confessor de D. Pedro, o jesuita Manuel Fernandes, teve larga divulgação.

Se uma e outra peças oratórias tinham por objecto captar para o autor sentimento igual ao que por elle tivera D. João IV, e reintegrá-lo na acção política, o effeito não foi logrado. Nem no regente nem na mulher dèste, o antigo conselheiro de soberanos encontrou o favor ambicionado. Descontente, decidiu exilar-se. Sob pretexto de advogar perante o Pontífice a canonização de certos mártires da Companhia de Jesus, da família portuguesa, partiu para Roma em Novembro de 1669. Por lá se demorou até Junho de 1675.

De volta à pátria, não lhe proporcionou esta as compensações em que cria ainda. Ao cabo de seis anos, des-



CURIOSA E INÉDITA FOTOGRAFIA do aspecto do leilão dos livros que pertenceram a José Queiroz, em Lisboa, em 1922. Local a sala da livraria Azambuja, depois palácio onde esteve a redacção de *A Lucta*, ao Calhariz, em Lisboa. Sentado à esquerda, marcado X, o livreiro e bibliógrafo José dos Santos, autor dos melhores catálogos de livros publicados em língua portuguesa. O seu catálogo Azvedo-Samodães pode considerar-se um tratado de bibliografia. José dos Santos é tño estudioso e sabedor como modesto. Presidiu ao leilão o livreiro João da Silva Coelho



CURIOSO FECHO publicado na edição das *Lettres d'une chanoinesse*, publicado em La Haya, 1771



consolado de não encontrar no paço, nem entre os religiosos, seus consócios, aquelas satisfações a que seu ânimo aspirava, deliberou expatriar-se novamente, deixar a Europa, e acabar seus dias na terra onde anos da infância lhe haviam decorrido, onde se vira adolescente e homem feito, onde seus talentos primeiro brilharam; e à qual por fim como religioso pertencia, pois na divisão geográfica da comunidade a Província do Brasil era a da sua inscrição. Não conseguiram detê-lo as instâncias do Geral João Paulo Oliva, que o chamava para Roma, nem o lisongeiro convite de Cristina de Suécia, para seu prégador, que já uma vez recusara. Em Janeiro de 1681 disse o adeus definitivo à terra do seu berço, e pela sexta vez afrontando as procelas do Atlântico, após quarenta anos de ausência, tornou à Baía.

Ali viveu mais dezasseis, que não foram isentos dos assaltos da sorte nem das lutas com os homens, em que se lhe mostrou tão fértil a vida. Dois anos depois de ter vindo, ei-lo implicado em um crime de homicídio, de que foi vítima o alcaide-mor da Baía, inimigo de seu irmão Bernardo Vieira Ravasco, secretário do governador, e em que o incriminavam de mandante, com outros. Acusação sem fundamento, e de que facilmente se ilibou. Menos felizes, o irmão e um sobrinho, filho d'este, tiveram de homiziar-se, entregaram-se, padeceram prisões, e só passados anos alcançaram a absolvição.

Um conflito de jurisdição com o bispo de Pernambuco, quando exercitava o cargo de Visitador, outro de disciplina com o Padre Provincial, depois que largou a prelatura, testemunham do instinto pugnaz, que a idade, de septuagenário adiantado, não lograra aplacar. Aos 88 anos, acabrunhado dos achaques da velhice, quasi totalmente privado da vista e do ouvido, terminou a sua peregrinação pelo mundo, em que foi ornamento notável da sua época e da sua nação.

Em tão longa existência, êle aparece nas letras portuguezas como a primacial individualidade do seu século, a mais apreciada dos contemporâneos, que não deixaram de render-lhe preto até aos últimos dias. Na Baía, já inválido, impossibilitado de escrever por seu punho, recebia ainda por cada frota larga correspondência, de todos aqueles, muitos em elevada posição na côrte, que o tinham conhecido na Europa, e para quem êle era o mais eloquente dos tribunos, o mais atilado dos políticos, o mais discreto dos carteadores. Cada ano um volume dos sermões, dado à imprensa, ia recordar aos antigos a fascinação da voz ouvida, despertar nos da geração nova a inveja aos predecessores. Suas exéquias, no templo de

S. Roque, da iniciativa do conde da Ericeira, foram como que uma manifestação nacional, concorrendo a elas enviados estrangeiros, núncio e pessoas da maior categoria social. Nem todos certamente teriam lido os sermões;

mas a fama do autor ampliara-se pela distância, e era do bom tom participar na homenagem que lhe prestavam os entendidos.

Estes últimos não fundavam a sua admiração exclusivamente na obra do orador. Vários escritos que não tinham vindo à imprensa, anda-

vam em cópias de mão em mão; e além dêles as cartas, guardadas por alguns, que as tinham recebido, como jóias literárias, eram igualmente comunicadas, copiadas, e chegaram a formar volumes na coleção de amadores. Pouco a pouco diferentes tomos de escritos avulsos foram dados à estampa. Por cuidado do conde da Ericeira publicaram-se em 1735 dois tomos de *Cartas*, a que se seguiu o terceiro, por compilador menos autorizado, em 1746. Repetiram-se depois as edições, e a curiosidade por tão preclaro cultor da nossa língua não esmoreceu até hoje.

Podemos dividir em quatro espécies as obras de Vieira; parenética, mística, polémica e escritos políticos, e epistolografia; e nenhuma deixa de ter lugar em uma história geral da literatura. Em tôdas o autor foi exímio; em tôdas a sua pena tem a pureza, a abundância, aquela posse do génio da língua, em que, como dito fica, Camões e êle se distinguem. A êste respeito disse o castiço escritor D. Francisco Alexandre Lobo, Bispo de Viseu, seu biógrafo: «Se o uso da nossa língua se perder, e com êle por acaso acabarem todos os nossos escritos que não são os *Lusíadas* e as obras de Vieira, o portuguez, quer no estilo da prosa quer no poético ainda viverá na sua perfeita índole nativa, e na sua riquíssima cópia e louçania». Nenhum crítico de bom fundamento recusará assenso a êste juízo.

De suas orações a que, segundo parece, Vieira mais prezava, era o sermão da Sexagésima, que colocou à testa do 1.º volume. Proferido em 1655, na capela real, quando veio das missões impetrar em favor delas o auxílio de D. João IV, o tema era a arte de prégær, a propósito da qual verberava os dominicanos, émulo da Companhia, e seus próprios no púlpito, os quais na ocasião lhe imputavam o propósito de abandonar os companheiros deixados na América.

O estilo que se usava na tribuna sagrada, e em que os rivais de Vieira se distinguiram, era, dizia êle, *empeçado, dificultoso, affectado, encontrado a toda a arte e a toda a natureza*. O bispo D. Frei Manuel do Cenáculo, avisado

ahna e fco para dr.º meo felho con.º do fco fca dor  
 em fca ambos losides emera dms desta villa  
 fca des ofenand a odeto Bertula meu madre  
 Als com.º fca  
 an.º fca fca fca  
 me.º fca fca P.º Mad.  
 fca Garcia fca fca fca

UM DOS POUCOS AUTÓGRAFOS conhecidos do poeta Braz Garcia de Mascarenhas. Rev. da Universidade de Coimbra, vol. III e O Poeta Braz Garcia de Mascarenhas do Dr. António Garcia de Vasconcelos



crítico, capitulou-o de *afeminado, delicioso e de galanteria*. O prégador jesuíta queria outra cousa :

«O estilo há de ser muito fácil e muito natural. Por isso Cristo comparou o prégao ao semear. *Exiit, qui seminat, seminare*. Compara Cristo o prégao ao semear, porque o semear é uma arte que tem mais de natureza que de arte. Nas outras artes tudo é arte; na música tudo se faz por compasso, na arquitectura tudo se faz por regra, na aritmética tudo se faz por conta, na geometria tudo se faz por medida. O semear não é assim. É uma arte sem arte; caía onde cair. Vêde como semeava o nosso lavrador do evangelho. Caía o trigo nos espinhos e nascia: *Aliud cecidit inter spinas, et simul exortae spinac*. Caía o trigo nas pedras e nascia: *Aliud cecidit super petram, et ortum*. Caía o trigo na terra boa e nascia: *Aliud cecidit in terram bonam, et natum*. Ia o trigo caíndo e ia nascendo. Assim há de ser o prégao. Hão de cair as cousas e hão de nascer; tão naturais que vão caíndo, tão próprias que venham nascendo.»

Isto mesmo dizia no prólogo do 1.º tomo dos *Sermões*, dirigindo-se ao leitor: «Se gostas da affectação e pompa das palavras, e do estilo que chamam culto não me leias». E pedia lhe perdoassem os deslizes, em que na verdura dos primeiros anos pudera ter caído.

O sermão da Sexagésima seria o mais estimado do autor. O que lhe valeu mais aplausos, o que de preferência se recolhe nas antologias, é o de 1640, na capital do Brasil, pelo bom successo das nossas armas contra as holandesas. O que caracteriza êste discurso é a extraordinária veemência. Raras vezes o homem se dirige ao seu criador em termos de tal modo arrogantes. *Levantai-vos! Porque dormis, Senhor?* Assim principia, com palavras de David. *Não hei de pedir pedindo, senão protestando e argumentando*. Assim anuncia no exórdio à divindade, e assegura-lhe que há de sair do sermão arrependida. Já os hereges, insolentes com seus triunfos, estão dizendo que verdadeira religião é a sua, por isso Deus os favorece e vencem, e que a católica é a falsa. E que hão de dizer o *tapuia bárbaro*, o *índio inconstante*, o *etiôpe boçal* senão o mesmo, e como não hão de passar à crença do vencedor? Então será a hora do arrependimento :

«Entrarão os hereges nesta igreja e nas outras; arrebatarão essa custódia em que agora estais adorador dos anjos; tomarão os cálices e vasos sagrados, e applicá-los-ão a suas nefandas embriaguezes; derrubarão dos altares os vultos e estátuas dos santos, deformá-las-ão a cutiladas e metê-las-ão no fogo; e não perdoarão as mãos furiosas e sacrilegas nem às imagens tremendas de Cristo crucificado, nem às da Virgem Maria... Em fim, Senhor,

despojados assim os templos e derrubados os altares, acabar-se-ão no Brasil a crístandade católica; acabar-se-á o culto divino; nascerá erva nas igrejas como nos campos; não haverá quem entre nelas. Passará um dia de Natal, e não haverá memoria de vosso nascimento; passará a quaresma, e a semana santa, e não se celebrarão os mistérios de vossa paixão.»

A descrição da estatuária, no sermão do Espírito Santo, prégado no Maranhão aos missionários, que partiam para catequizar os selvagens do Amazonas, é outro trecho muitas vezes reproduzido. O índio rude e bárbaro é qual a pedra bruta, que se afeiçoia em figura humana; será o artista o missionário.

«Vêde o que faz em uma pedra a arte. Arranca o estatuário uma pedra dessas montanhas, tósca, bruta, dura, informe, e depois que desbastou o mais grosso toma o maço e o cinzel na mão, e começa a formar um homem, primeiro membro a membro, e depois feição por feição, até a mais miuda. Ondea-lhe os cabelos, alisa-lhe a testa, rasga-lhe os olhos, afila-lhe o nariz, abre-lhe a boca, avulta-lhe as faces, tornea-lhe o pescoço, estende-lhe os braços, espalma-lhe as mãos, divide-lhe os dedos, lança-lhe os vestidos: aqui desprega, ali arruga, acolá recama, e fica um homem perfeito e talvez um santo que se pode pôr no altar. O mesmo será, se à vossa indústria não faltar a graça divina.»

Como êste, quantos passos descritivos, do mais fino lavor literário, derramados na vasta colecção!

Aqui ocorre ponderar se o padre lusitano emparelha no eloquência com o seu coevo Bossuet. Um e outro, na época, emparelharam na fama, o último em França, aquele na sua pátria e em terras estranhas. Certo, o bispo de Meaux, nas suas orações mais célebres, conserva melhor o equilíbrio, nunca se desmanchando daquela justa medida, própria da sua língua e dos estilos daquela côrte majestosa onde brilhou. Vieira ora se eleva aos cumes, ora rasteja em planos ínfimos. Mas não são raros na sua obra os lances tão capazes de comoverem os ouvintes como aquele admirável brado: *O nuit désastreuse, o nuit effroyable!* que, no dizer de Voltaire, arrancou soluços e lágrimas ao mais selecto dos auditórios, na oração fúnebre pela Duquesa de Orléans. Há todavia um ponto muito em favor de Vieira, que nesta espécie de oratória se não pode deixar na sombra; e vem a ser que êle, se bem cortesão, não trepidava de falar alto aos reis da tribuna; ao contrário de Bossuet, de quem por vezes chegam a dar fastio os tópicos de servil lisonja a Luís XIV. Como quer



Compilada por Frey Bernardo de Brito, Chronista e era. X. Antiquario da ordem de s. bernardo, professo no real mosteiro de Alcobaca.

PARTE PRIMEIRA  
que contem a historia de Portugal desde a creção do mundo até ao nascimento de nosso snor.  
\* IESU CHRISTO \*



DIRIGIDA AO CATHOLICO REI DO PHILIPPE.  
II DONOME PEI DE ESPANHA EMPERADOR DO  
NOVO MUNDO

Impressa no Infante mosteiro de Alcobaca por  
mandado do R. M. do Sr. Geral Frey Francisco de  
S. clara com licença & privilegio Real  
Anno de 1690

ROSTO DA PRIMEIRA PARTE da *Monarchia Lusitana*, a mais importante obra histórica do século XVII, embora o 1.º vol. tenha apparecido ainda no século XVI. (Colecção pertencente à livraria de Albino Forjaz de Sampaio. Este e os nove rostos seguintes)



que fôsse, o renome do português, imenso entre os seus, não diminuía perante os estrangeiros. Em Espanha imprimiram-lhe as obras, para modelo de oradores. Em Roma, onde se arrojou a prègar em italiano, gozou alta reputação. O Geral dos jesuítas, João Paulo Oliva, orador festejado na capital do mundo católico, apontava-o para lhe succeder como prègador do pontífice. A rainha Cristina de Suécia exhibia-o, como orador de sua casa, ao escol da sociedade romana que a frequëntava.

Dos escritos místicos de Vieira imprimiu-se em parte a *História do futuro*, de que, além do texto publicado, nos resta o elenco dos capítulos, e alguns dèstes incompletos. Era a obra como que a introdução a outra de maior fôlego, em idioma latino, a *Clavis Prophetarum*, em que trabalhou muitos anos, até à sua morte, e que no 1.º tómo dos *Sermões* prometia ao leitor. Principiada quando, durante a regência do infante D. Pedro, se achava em Roma, não conseguiu levá-la ao fim. Do manuscrito existem cópias, de que se não sabe até que ponto foram manipuladas pelo Padre Bonucci, italiano, seu último colaborador na Baía. Com grande aparato de erudição bíblica e patriótica, o autor, assim na *Clavis* como na *História do Futuro*, mira a demonstrar o advento próximo do quinto império do mundo, e o reinado de Cristo na terra, com D. João IV ressuscitado por imperante temporal. Suscitaram-lhe o pensamento as *Trovas* proféticas do sapateiro Bandarra, applicando ao monarca falecido os textos, que tinham sido o evangelho dos sebastianistas.

Do quinto império do mundo e da ressurreição de D. João IV, com fundamento nas *Trovas*, trata de modo exaustivo o escrito de nome *Esperanças de Portugal*, em forma de carta ao bispo do Japão, Padre André Fernandes, que a êste enviou do Pará, em 1659, e foi a base do processo que lhe moveram no Santo Offício. Não se cuida ser a aberração exclusiva de espírito em outras matérias tão lúcido; muitos contemporâneos participaram da ilusão, a que se ligava a da astrologia, cujos adeptos no século XVII foram em grande número e das classes mais cultas.

Dos escritos políticos foi sôbre todos discutido aquele,

já mencionado, que advogava o abandonar-se Pernambuco aos holandeses. Outros, igualmente combatidos, referem-se aos cristãos novos e judeus refugiados em países estranhos, para os quais recomendava tolerância, em benefício da nação. Por fim, os que constam de requerimentos e projectos sôbre o modo de catequizar e aproveitar os índios da América, e ásperos libelos contra os colonos que os escravizavam.

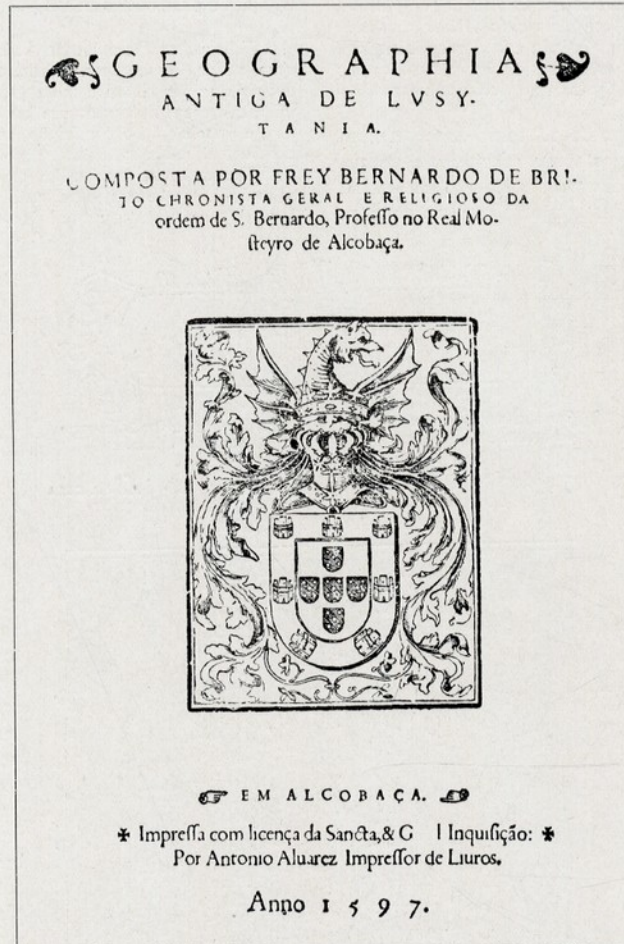
Para a nossa geração a parte mais notável das obras de Vieira são as *Cartas*, de que, sendo muitas as conhecidas, é lícito lastimar faltem muitas mais.

Nêste ramo de literatura, elas compensam com largueza a indigência do mesmo entre nós. Não há comparar-lhes as de D. Francisco Manuel de Melo, hoje enigmáticas, e sômente aproveitáveis por modelos de boa linguagem; muito menos as do Cavaleiro de Oliveira; umas e outras conservadas com propósito de publicação. As de António Vieira, espontâneas, sem aprestos, são o reflexo límpido de uma alma, sob a impressão dos acontecimentos. Não há nelas preocupação literária, nem nenhum rebuscar de pensamento. A pena corre livre, obediente ao impulso interior. E através desta notável correspondência, é-nos dado contemplarmos meio século de história. Desde as cartas de Paris e Baía, de 1646 a 48, para o Marquês de Niza, as mais antigas, até às últimas, de octogenário na Baía, os principais sucessos do mundo e todos que possam comover a alma

portuguesa perpassam nestas missivas.

O que se diz das cartas se pode em sentido geral afirmar das demais obras, as místicas não excluídas. Dos sermões, quantos não versam assuntos políticos ou que dizem respeito a ocorrências notáveis da vida nacional! E não será êrro considerar os escritos de Vieira documentos indispensáveis para bem se conhecer a época em que viveu o autor.

Suposto isto, alguns lhe foram attribuídos, que de nenhum modo lhe pertencem; já acinte, para dar ao que se exprimia a autoridade do seu nome; já por fraude inconsciente, porque, desconhecido o autor, o tinham a êle por competente sôbre todos na matéria do discurso.

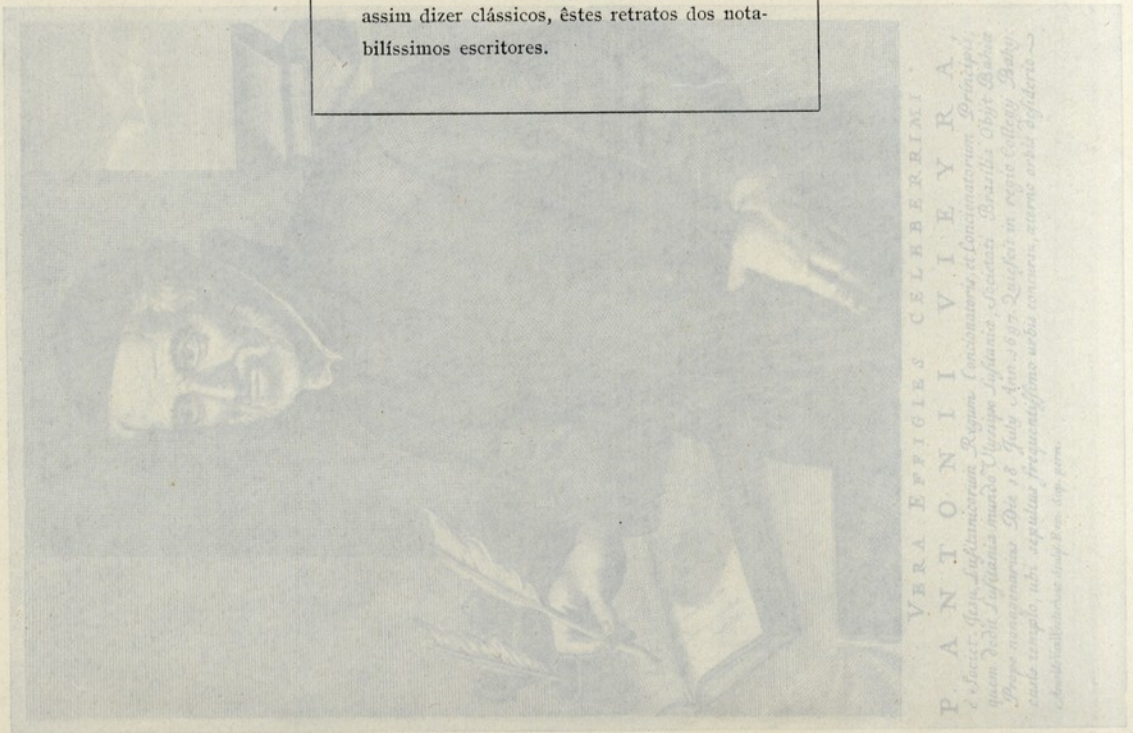
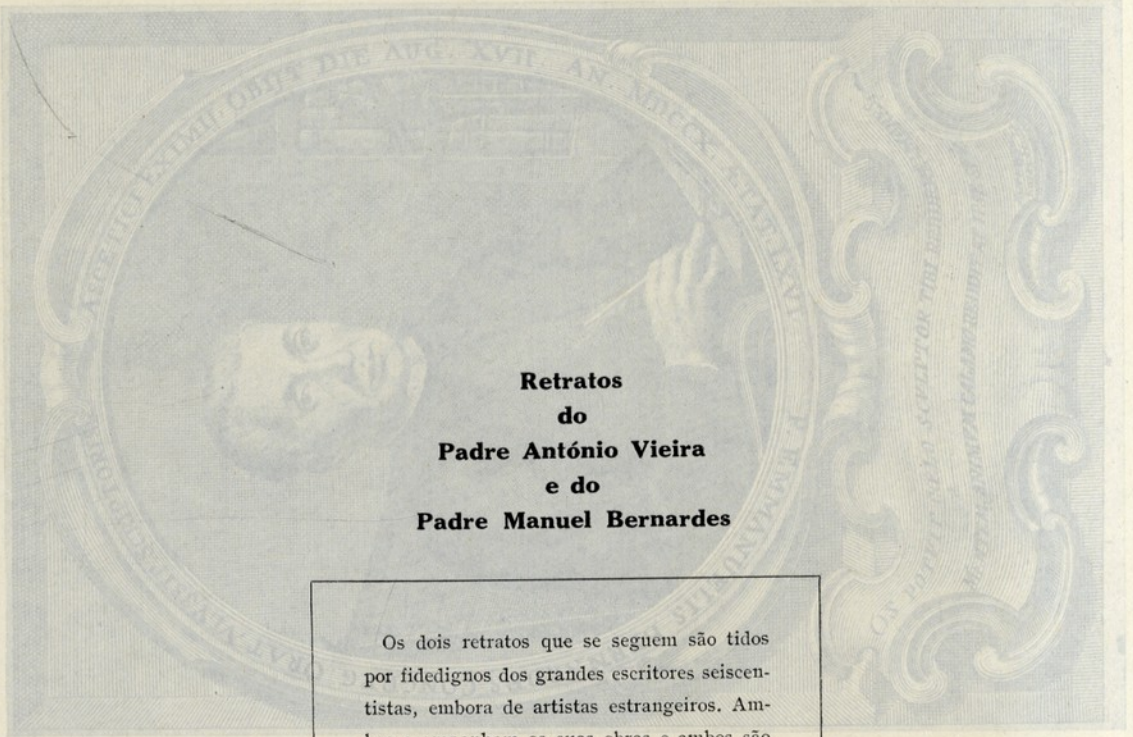


ROSTO DA GEOGRAFIA, inserto no primeiro volume da *Monarchia Lusitana*



**Retratos  
do  
Padre António Vieira  
e do  
Padre Manuel Bernardes**

Os dois retratos que se seguem são tidos por fidedignos dos grandes escritores seiscentistas, embora de artistas estrangeiros. Ambos acompanham as suas obras e ambos são conhecidas e excelentes gravuras. São por assim dizer clássicos, estes retratos dos notabilíssimos escritores.







VERA EFFIGIES CELBERRIMI  
**P. ANTONII VIEIRA,**  
*et Societ. Iesu, Lusitanicorum Regum Concionatoris, et Concionatorum Principis,  
 quem dedit Lusitania mundo Olyssipo Lusitania, Societati Brasilia Obijt Bahia  
 Prope nonagenarius Die 28 July Ann. 1697. Quiescit in regio Collegij Bahy-  
 ensis templo, ubi sepulchus frequentissimo urbi concursus, aeterno orbis desiderio ~*  
*Amst. in Weicherh. desulp. Rem. Sup. perm.*





Sucedeu assim que não poucas peças espúrias andam nas coleções manuscritas como de sua pena, e algumas por tais se imprimiram. Destas últimas, duas merecem especial consideração. As *Notícias recônditas do modo de proceder a Inquisição com os seus presos* e a *Arte de furtar*. As *Notícias* saíram pela primeira vez a lume em um livro publicado em Londres, com a falsa designação de impresso em Vila Franca, pelo rabino da sinagoga portuguesa David Neto, em 1722. O volume contém vários escritos, em português e castelhano, relativos à Inquisição em diversos países, entre êsses o que diz respeito a Portugal. O nome de Vieira não figura lá, e foram os falsificadores os que, apossando-se do título do volume, o deram a uma das partes, que introduziram nas obras do jesuíta. Não se afigura incrível que êste, defensor acérrimo dos cristãos novos, tenha concorrido para a feitura do escrito, composto em Roma, quando lá se debatia um famoso pleito daqueles com o Santo Offício, de que requeriam se reformasse o regulamento. Na acesa contenda participou Vieira de modo conspícuo; mas a redacção do papel não é d'êle, e tudo leva a crer fôsse o autor certo notário despedido da Inquisição de Lisboa por prevaricador, e degredado para o Brasil, de nome Pedro Lupina Freire. O testemunho de David Neto, a quem sem dúvida os correligionários portugueses proporcionaram o escrito, é formal. Diz êle que o autor fôra secretário da Inquisição em Portugal, e se retirou para Roma em 1672. Pelas cartas de Vieira sabemos que em Setembro de 1673 Pedro Lupina Freire estava em Roma, e que os cristãos novos lhe aproveitavam os serviços. Ninguém mais apto que um antigo funcionário

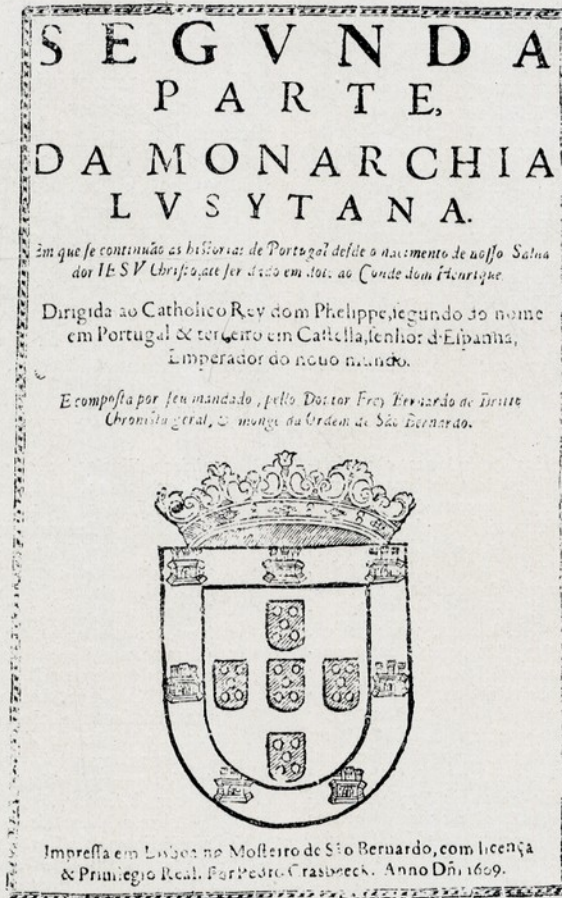
para desvendar os mistérios do tribunal, de que ao pessoal interno, réus e juizes, se impunha o segredo com grandes penas. Que encontrado com o jesuíta, a quem muito importava o negócio, dêle recebesse orientação, é bem possível; mas a parte substancial do escrito, factos narrados e análise das normas jurídicas, só sujeito do íntimo da instituição a podia ministrar.

A *Arte de furtar*, de autor incógnito, é por certo uma das obras notáveis da literatura nacional. A linguagem tersa, a fina sátira, a curiosidade das matérias tratadas, que são de tôdas as épocas, dá-lhe lugar entre os clássicos que não é permitido esquecer. Quem quer que a tenha escrito, posto que inferior àquele de quem usurpa o nome

(Vieira—diz Camilo Castelo Branco—era mais eloquente, compunha e ataviava com outras galas de estilo, ervava as sátiras e alusões com mais penetrante peçonha) não desmerece o qualificado neste século de prosadores excelentes. Assim como o nome do autor, supostas são no livro o lugar da imprensa e a data. Em Amsterdam, na Oficina Elvizeriana (*sic*), 1652, quando está averiguado, pela identidade de papel e tipo com as da segunda edição, de 1744, que da mesma tipografia e do mesmo ou de ano próximamente anterior deve ter sido a publicação. O livro teve grande voga, pelo nome do suposto autor, então no galarim da fama, e pela malícia do

assunto, o que explica a imediata reimpressão. Com a data verdadeira desta vez, mas ainda trazendo a fingida designação de Amsterdam e o falso nome do impressor. Era o meio de subtrair o livro à censura; não obstante isso à larga divulgação, por motivo da qual duas vezes em 1744 se fez a edição clandestina. O impressor foi o genovês João Baptista Lerzo, dono de uma pequena tipografia ao Loreto, o qual adquirira o manuscrito no espólio de um desembargador, de quem não consta o nome. O Padre João Baptista de Castro era das relações de Lerzo, teve a obra por empréstimo, e extrahiu trechos que enxeriu em uma publicação sua, intitulada *Hora de recreio*. Na opinião d'êle o autor seria Tomé Pinheiro da Veiga, por analogias que lhe pareceu encontrar no talho da letra e linguagem. Lerzo, não convencido, ou porque a isso o impelia o interesse, optou por Vieira, e não hesitou em atirar o livro à publicidade com êste nome. Fraude de que estivesse consciente? É possível que não. Na verdade, a quem ler atento a *Arte de*

*furtar* e conhecer a vida e estilo de Vieira, a confusão não é lícita. Mas que havemos de esperar do impressor, sujeito naturalmente de letras mingüadas, e de mais estrangeiro, quando um crítico, qual Cândido Lusitano, se julga obrigado a desvanecer a ilusão do público e a intervenção dá ainda ensejo a polémica? A *Carta apologética* de Francisco José Freire responde a *Dissertação apologética e dialogística* de Frei Francisco Xavier dos Serafins Pitarra, adversário inferior, mas a que não faltaram sequazes. Freire volta à estacada com o *Vieira defendido*, sem que até hoje a lenda de todo se tenha extirpado. Tanto basta para mostrar que o engano do primeiro editor podia não ser voluntário. Não assim o dos seguintes,



ROSTO DA SEGUNDA PARTE da Monarchia Lusitana, 1.ª edição. Lisboa, 1609



que com a mira no lucro repetiram o êrro dos predecesores. Em Espanha foi a obra proibida pela Inquirição, com a declaração expressa de ser falso o nome do autor.

Os trechos abaixo dão idéa do estilo. Da forma grave :

«Ninguém se deve fiar muito na paz feita com inimigo porfiado; porque a malícia e a ambição, com pretexto de paz, se valem de enganões e cautelas peores que a guerra: e porisso o príncipe prudente no tempo da paz não deve deixar os ensaios da guerra e exercicios militares, nem que os seus vassallos se dêem ao ocio e regalos; porque, como diz Tito Lívio, não fazem tanto danno á republica os inimigos quanto fazem os regalos e deleites. Na mayor paz, ter as armas e as armadas prestes enfrea os inimigos. Paz desarmada é mais arriscada que a mesma guerra. Não estão ociosos os galecos no estaleiro, nem as armas com bolor nos armazens; dalli, sem se moverem, estão reprimindo o inimigo, que se acanha só com cheirar que ha de achar resistência. O Emperador Justiniano tem que os príncipes hão de estar armados com as armas da guerra, e armados com as leys da paz, para governarem bem os povos que tem a seu cargo. Começa a ruina de uma republica com o desprezo das leys, onde acaba o exercicio das armas. Quando Xerxes reendeo Babilonia não matou nem cativou os que lhe resistirão; mas só mandou para se vingar delles que não exercitassem mais as armas e que se occupassem em tanger, cantar e dançar, e em serem jograis e taverneiros; e com isto conseguiu que a gente daquella cidade, tão insigne no mundo, fosse vil e fraca. Tal foy a paz que o governo de Filipe trouxe a Portugal com o perdão geral que deu a todos os que lhe resistirão: e houve Estadistas tão sabios que tiverão isto por felicidade.»

Na feição jocosa :

«A Republica dos ratos entrou em conselho e fez huma

junta, sobre que remedio teciaõ para se verem livres das unhas do gato. Presidio um arganzaz de bom talento: assentaraõ-se por suas antiguidades os adjuntos: votou o mais velho: mudemos de estancia: vamo-nos para os Armazens delRey onde não ha gatos, e sobejaõ bastimentos, biscouto arrodo, queijos a fartar, chacinas de toda a sorte, e onde muitos homens de bem achão seu remedio, sem lhes custar mais que tomallo, tambem nós o acharemos, que nos contentamos com menos. Enganaes-vos, disse o Presidente, comer á custa delRey nunca é barato nem seguro, porque quem a galinha delRey come magra gorda a paga, e nos seus armazens ha unhas peores que as dos gatos, que nada lhes escapa. Votou o outro (devia de ser alentado) sou de parecer que cortemos as unhas do gato. Acodio o Presidente: calay-vos lá murganho: cortar-lhas-heis vós? Não dizeis nada porque logo lhe hão de nascer outras mayores e mais peçonhentas. Isto de unhas são com enxertos de mato bravo; são como ortigas e tojos, que nascem sem que as semeem.»

Vimos que um dos primeiros sujeitos de quem foi conhecida a *Arte de furtar* a julgou de Tomé Pinheiro da Veiga, por semelhanças do estilo e da letra, suposição que adoptou Cunha Rivara, no prefácio às *Reflexões da língua portuguesa* de Cândido Lusitano. Este último inclinava-se a João Pinto Ribeiro. Duarte Ribeiro de Macedo também foi lembrado, e há poucos anos o escritor brasileiro Solidônio Leite, ressuscitando a questão, sugeriu o nome de António de Sousa de Macedo. Não será de estranhar que outras sugestões apareçam ainda. A verdade é que a autoria da *Arte de furtar* continua problema literário insoluto.

## PADRE MANUEL BERNARDES

**BIBLIOGRAFIA** :—*Exercicios espirituales e meditações da vida purgativa; sobre a malicia do peccado, vaidade do mundo, miserias da vida humana & quatro novissimos do homem*. Lisboa. Of. de Miguel Deslandes, 2.<sup>o</sup> vol.; 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa, 1706-1707; 3.<sup>a</sup> ed. Lisboa, 1731; 4.<sup>a</sup> ed. Lisboa, 1758; 5.<sup>a</sup> ed. Lisboa, 1784-85; *Luz e calor, obra espiritual para os que tractão do exercicio de virtudes & caminho de perfeição*. Lisboa, 1696; 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa, 1696; 3.<sup>a</sup> ed. id., id.; 4.<sup>a</sup> ed. Lisboa, 1724; 5.<sup>a</sup> ed. Lisboa, 1758; 6.<sup>a</sup> ed. Lisboa, 1871; *Pão partido em pequeninos para os pequeninos da casa de Deus*. Lisboa, 1696; 2.<sup>a</sup> ed. Coimbra, 1698; 3.<sup>a</sup> ed. Coimbra, 1707; 4.<sup>a</sup> ed. Lisboa, 1726; 5.<sup>a</sup> ed. Lisboa, 1757; 6.<sup>a</sup> ed. Lisboa, 1762; 7.<sup>a</sup> ed. Pôrto, 1923. (Revisão e prefácio de A. C. Pires de Lima). No fim do tomo I da ed. de 1726 andam encorporadas a *Visão rara e admiravel que das penas do inferno teve a veneravel madre Anna de Santo Agostinho*, de pág. 116 a 137 e as *Meditações sobre os quatro novissimos*, de pág. 138 a 219, depois coligidas também nos *Varios tratados*, vol. II; *Armas da castidade: tratado espiritual*, etc. Lisboa, 1699; 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa, 1758. (Insero no vol. II dos *Varios tratados*); *Meditações sobre os principaes mysterios da Virgem Santissima Senhora Nossa, Mãe de Deus...* Lisboa, 1706; 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa, 1706; 3.<sup>a</sup> ed. Lisboa, 1768; (Inseras nos *Varios tratados*, vol. I); *Nova Floresta, ou Sylva de varios apophthegmas, e ditas sentenciosas espirituales & moraes; com reflexoes, em que o util da doutrina se acompaña do vario da erudição, assim divina como humana...* Lisboa, 1706, 1708, 1726, 1728, 5 vols.; Reimpressos com as mesmas datas os vols. 1.<sup>o</sup>, 2.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup>; 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> edições. Lisboa; 4.<sup>a</sup> ed. 1759-60, Lisboa; 5.<sup>a</sup> ed. Pôrto, 1909-1912, prefácio de José Pereira de Sampaio (Bruno).

**OBRA PÓSTUMA** — *Sermões e praticas*. Lisboa, 1711, 2 vols.; 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa, 1733; 3.<sup>a</sup> ed. Lisboa, 1762; *Direcçam para ter os nove dias de Exercicios espirituais*. Lisboa, 1725; 2.<sup>a</sup> ed.; 3.<sup>a</sup> ed. Lisboa, 1757. (Insera nos *Varios tratados*, vol. I); *Os ultimos fins do homem, salvacão condemnacão eterna*. Tratado espiritual. Lisboa, 1728; 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa, 1761; *Estimulo pratico Para seguir o bem e fugir o mal. Exemplos selectos das virtudes e*

*vicios; illustrados com reflexões*. Lisboa, 1730; 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa, 1762; *Varios tratados*. Lisboa, 1737, 2 vols.; 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa, 1762; *Paraizo de contemplativos...* Trad. do italiano e illustrado com anotações. Lisboa, 1739; 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa, 1761; *Compendio Doutrinal*. Lisboa, 1744; *Estimulo do Amor Divino*. Opusculo tirado do livro *Luz e calor*. Lisboa, 1758; *Tratado breve da oração mental...* Lisboa, 1775; *Meditações sobre os quatro novissimos do homem: morte, juizo, inferno, e paraizo*. Lisboa, 1798. (Insero nos *Varios tratados*); *Dois discursos do grande classico portuguez P. Manuel Bernardes*. Lisboa, 1907.

No Rio de Janeiro, edição do Anuário do Brasil, safu uma excelente edição de *Historias varias* (da *Nova Floresta*) na collecção *Anthologia Universal*.

Bernardes está traduzido em francès: *Exercices spirituelles ou meditations sur les fins derniers*, 2 tomos e o *Trésor d'Amour*, Paris, 1862.

Sobre o Padre Manuel Bernardes pode ver-se de António Feliciano de Castilho a *Livreria Classica Portuguesa*. Manuel Bernardes. *Seguidos de uma noticia sobre vida e obras*. Rio de Janeiro, 1865, 2 vols. Na edição de Lisboa, 1845, 7 tomos; Agostinho de Campos, *Anthologia Portuguesa*. Bernardes. I — *Nova Floresta*. 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa, 1920. II vol. *Nova Floresta, Estimulo pratico, Luz e calor, Ultimos fins do homem, Exercicios espirituales; e Collecção Patricia: Manuel Bernardes*. Lisboa, 1927, por Albino Forjaz de Sampaio.

**M**ANUEL Bernardes não teve ainda grandes biografos, já talvez porque os documentos escasseiam, já porque a vida do homem que voluntariamente renunciou às pompas do mundo, não teve história. Sabe-se que nasceu em Lisboa aos 29 de Agosto de 1644, filho de João Antunes e de Maria Bernardes, filha de João Bernardes, cavaleiro de Cristo, avaliador do fisco real, e sobrinho de António Leite Pereira, moço da Câmara de Filipe IV, cavaleiro fidalgo e familiar do Santo Officio. Sabe-se mais que foi baptizado